

21 SET 1989

A causa da estabilidade

Embora deva apresentar este mês uma taxa mais elevada do que no mês passado, é razoável esperar-se que a inflação se mantenha no patamar atual, tendendo até a um ligeiro declínio, ao longo dos meses que nos separam da investidura do novo governo. A razão é política, não econômica, ou seja, a atual política econômica por si só seria inócua como antídoto à escalada inflacionária. A razão política está no fato de que o governo do qual a sociedade descrê esgotou sua capacidade de ação e aproxima-se do fim. Quanto mais próximo do fim estiver ele, maior será a confiança dos agentes econômicos em que um outro "pacote" não será imposto. A permanente ansiedade diante da hipótese de "pacotes" é uma causa importante de inflação no Brasil. O sistema produtivo, ao longo de quase todo o governo Sarney, reajustou preços acima da taxa da inflação, operando com valores nominais muito diferentes dos valores reais. Taxas elevadas de "descontos" nas compras à vista evidenciam a defasagem entre preço nominal e preço real. É o efeito da desconfiança, a tentativa de autodefesa num quadro político de incertezas.

O perigo está na hipótese dos candidatos não conseguirem convencer o País da sua capacidade de recuperar a economia. O discurso atual da campanha, aliás, tem sido incapaz de disseminar

confiança e segurança. Os candidatos, todos eles, enveredaram pelos caminhos do populismo acenando com milagres que, evidentemente, não irão acontecer. A recuperação econômica é um período de sacrifícios não de benesses. A sociedade brasileira, pelo menos sua elite mais responsável, sabe que não haverá passe de mágica alguma após 15 de março. Como os candidatos acenam enfaticamente com o milagre da multiplicação e da transformação, poderá ocorrer, às vésperas da posse, um momento de desconfiança e intranquilidade, gerando a escalada inflacionária. Isto é um risco.

Não cometemos a ingenuidade de esperar que os candidatos apresentem programas prontos no horário eleitoral da TV. Esse espaço se destina à conquista de votos da grande massa incapaz de processar racionalmente um programa consistente de governo. Em foros específicos, entretanto, esses programas deveriam ser apresentados em suas grandes linhas, embora sem o detalhamento técnico que obviamente só se poderá produzir após o período de transição. As grandes linhas de um programa evidenciariam o seu grau de coerência com a natureza dos problemas, gerando confiança. É essa confiança que a sociedade precisa obter para que a transição se opere de forma não traumática.